

José Claudinei Lombardi
Marcos Lima
(Orgs.)

EDUCAÇÃO E REVOLUÇÃO:
AS REVOLUÇÕES NOS SÉCULOS XIX E XX
E AS POSSIBILIDADES DE UMA NOVA EDUCAÇÃO

1ª Edição Eletrônica

Uberlândia / Minas Gerais
Navegando Publicações
2020



XV

A EDUCAÇÃO NAS REVOLUÇÕES DOS SÉCULOS XIX E XX E A PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA COMO UMA TEORIA PEDAGÓGICA PARA A REVOLUÇÃO NO SÉCULO XXI*

Raquel Elisabete de Oliveira Santos

Introdução

As revoluções socialistas que marcaram a história dos séculos XIX e XX nos mostram a importância da educação enquanto instrumento de desalienação, para consolidar a revolução proletária. Destaca-se nesse processo o estabelecimento de relações entre a educação e a sociedade para romper com o uso da educação como ferramenta ideológica a serviço da classe burguesa.

O estudo da educação nos processos revolucionários possibilita a percepção do valor atribuído, por todos os grandes líderes e autores marxistas, à apropriação, pela classe trabalhadora, da cultura produzida pela humanidade ao longo de toda a história.

Destaca-se a relevância de se estudar a educação nos processos revolucionários, tanto pela possibilidade de ampliação do repertório de conhecimentos acerca das ações e abordagens educativas numa perspectiva marxista, ampliando ainda mais nosso repertório de conhecimentos históricos, quanto por possibilitar inspiração, já que contribui para reforçar nossa análise na possibilidade de construção de uma nova sociedade e na potência da educação para a construção do homem novo.

Outrossim, destaco a importância de que, ao mesmo tempo que nosso projeto de educação só se efetivará numa nova sociedade,

*DOI – 10.29388/978-65-86678-06-2-f.337-354

comunista, esta passará pela transição, com o socialismo. Para as transformações necessárias à construção dessa sociedade, merece destaque a educação que tem na Pedagogia Histórico-Crítica uma referência importante como uma educação que sirva à revolução.

Este artigo tem no seu escopo a intencionalidade de delinear apontamentos acerca da educação nos processos revolucionários da Comuna de Paris, Rússia e China, ainda que sejam bastante restritos pela brevidade do trabalho. Na sequência, são apresentados aspectos fundamentais da Pedagogia Histórico-crítica enquanto possibilidade concreta de uma pedagogia revolucionária para o século XXI. Os limites de extensão do artigo justificam a opção por não incluir apontamentos acerca da educação na Revolução Cubana.

A Educação na Comuna de Paris

A Guarda Nacional declarou, em 1871, a Comuna de Paris, o que constitui evento central na história da classe trabalhadora. Pela primeira vez na história, os operários chegaram ao poder, os trabalhadores parisienses se rebelaram contra a burguesia e tomaram o poder durante a guerra franco-prussiana, levando a comuna à intenção de fazer um governo autogestionário.

Apesar da curta permanência no poder, registra-se acerca do processo a promoção de mudanças em favor da maioria da população, com destaque para aquelas ligadas à preocupação com a educação; com a defesa de reformas imediatas que garantissem no futuro a transformação radical do sistema de ensino.

Com relação à educação, a Comuna de Paris, devido à sua curta duração (72 dias), não teve tempo de promover e implementar reformas profundas. Contudo, dentro das suas condições e possibilidades, tratou de fazer a sua parte e promover reformas adequadas à nova forma de organizar e produzir a vida social, com vista à superação da sociedade de classes e a construção de uma sociedade igualitária, sem exploração e sem dominação (ORSO, 2001. p. 14).

Com um explícito caráter de classe, a luta de homens comuns em defesa dos proletários esteve marcada pela afirmação de um ensino laico, público, gratuito e universal, para a formação integral que, ao mesmo tempo em que os filhos da classe trabalhadora aprenderiam uma profissão, receberiam instrução científica e literária.

A Educação na Revolução Russa

Tendo como principal conteúdo a crítica à concepção burguesa de educação, a pedagogia russa, na revolução socialista, surgiu para edificar uma nova sociedade, socialista, considerando-se para tanto, a educação como fundamental e a escola como espaço privilegiado para essa educação, como afirma Nereide Saviani sobre as bases da educação russa:

Enquanto concepção, as raízes se encontram em Marx e Engels, os quais não publicaram nenhuma obra especificamente sobre Educação, mas em cujos escritos se encontram profundas análises e reflexões, que serviram de base para a luta pela educação do proletariado, já no seu tempo e, por sua influência, em momentos posteriores, à luz da produção de outros autores marxistas. O principal conteúdo dessas contribuições é a crítica à educação burguesa (como concepção e como prática). Essa crítica tem por corolário o vislumbre de uma educação que supere as contradições do conteúdo e das formas educacionais então predominantes. Entre os temas por eles abordados, destacam-se: as condições de trabalho e de instrução das crianças trabalhadoras do século XIX; o papel do Estado na educação; o princípio da união entre escola e trabalho; ideais das revoluções burguesas (ensino universal, público, gratuito e obrigatório); a laicidade do ensino; a escola única. E a síntese feita por Marx sobre a educação integral: educação intelectual; educação corporal (ou física); educação tecnológica (ou politécnica) (MARX; ENGELS, 1978, apud, SAVIANI, 2017. p. 2).

Após a tomada de poder pelos bolcheviques, emergiu o desafio de formação do homem novo para a nova sociedade. Era necessário, em uma relação dialética, desenvolver as forças produtivas e elevar o nível de consciência do proletariado. Para tanto, surgiram como medidas concretas o plano de alfabetização e a eletrificação, visando às necessárias transformações na base material e na superestrutura da sociedade. Ambos aconteceram concomitantemente e um dependia do outro: o plano de eletrificação seria também o plano das brigadas de alfabetização. Mas, para além de alfabetizar, era necessário formar indivíduos cultos, conscientes, superando a situação precária da educação no país em meados de 1920, marcada por baixíssimos índices de alfabetização, precariedade e insalubridade das instalações, má qualidade na formação das docentes e baixos salários, escassez de escolas.

Na educação, ao longo do processo revolucionário, emergiram como aspectos fundamentais:

- A atuação política no sentido de ligar indissoluvelmente cada passo da atividade da escola, do estudo e da formação à luta de todos os trabalhadores contra a exploração.
- A necessidade de alfabetizar toda a população.
- O papel das organizações infantis e juvenis.
- A preocupação com o grande desafio de emancipação das mulheres.
- A atribuição de acentuada importância da coletividade para o desenvolvimento pleno e multifacetado da criança.
- O incentivo ao desenvolvimento de atividades que permitissem à criança: estabelecer relações, captar contradições, compreender mudanças, compreender práticas de trabalho socialmente úteis, tomar e manifestar iniciativas, valorizar realizações sem discriminação, nem privilégios.
- A implementação da Escola Única do Trabalho: educação Geral e Politécnica, que tem como sentido a íntima relação entre o estudo e o trabalho produtivo. Implica o domínio das bases da indústria mo-

derna: trata-se, pois, da formação de profissionais (que não se confunde com a mera instrução profissional) e de se garantir a compreensão do surgimento e desenvolvimento da indústria moderna em seus vários ramos e múltiplas relações.

- A articulação entre a educação intelectual, a educação física e a educação politécnica, de acordo com a abordagem marxista, numa perspectiva de formação do homem omnilateral.
- Para além da educação escolar, seria necessário investimento na educação extraescolar, atribuída às organizações proletárias: sindicatos, a União das mulheres, as organizações infantis e juvenis (Konsomol e União da Juventude Comunista).
- A certeza da impossibilidade de dissociar desenvolvimento da base material e desenvolvimento cultural.

Nesse sentido, foi fundamento da educação — na revolução russa — a consolidação da educação geral e politécnica como o real objetivo da escola única do trabalho.

Em um país que se industrializa rapidamente, é preciso que os aprendizes tenham uma ideia da **produção em seu conjunto**, conheçam em que direção se desenvolve a técnica e saibam trabalhar em qualquer máquina, quer dizer, que possuam a **cultura geral do trabalho** e conheçam em geral a matéria. Quem adquiriu uma preparação desse tipo, às mudanças constantes da técnica (KRUPSKAYA, s/d, apud, SAVIANI, 2011. p. 32).

Ainda sobre a escola única do trabalho, que deveria se orientar pelo rompimento com a lógica capitalista de trabalho:

Orienta-se que o trabalho na família, na escola, na aldeia, no bairro, na cidade e no país seja tratado na relação com o trabalho da humanidade, na sua evolução histórica e em suas características atuais. Mesmo nos anos iniciais, as experiências concretas, vivenciadas ou observadas pela criança, devem ser relacionadas com o registro de outras experiências, em outros tempos e espaços (SAVIANI, 2011. p.

É válido reforçar o papel da escola única proposta na revolução russa, defendida por Lênin, que, assim como Marx e Engels, fez a crítica à escola única de modelo capitalista, destacando seu caráter dual.

Escola **única**, pelo seu caráter unitário, não de uniformidade, mas de unidade na diversidade. Não várias escolas, instituições independentes e isoladas, mas uma escola, articulada em seus vários níveis, graus, modalidades, instâncias de decisão e de realização. Nada tem a ver com a escola “única” da proposta liberal-burguesa ou de sua versão, recomposta, de “escola única diferenciada” (Cf. Machado, 1989, p. 76–81). Escola regida pela perspectiva de eliminar as condições geradoras da diferenciação e da desigualdade social, numa sociedade que busca tomar as medidas necessárias ao encurtamento das distâncias entre trabalho manual e intelectual, trabalho do campo e da cidade, trabalho do homem e da mulher e tantos outros antagonismos da sociedade capitalista. Que tenha o **trabalho** como matéria de estudo (ação humana, na produção da existência, mediada por técnicas e instrumentos cada vez mais desenvolvidos) e como meio de educação (ação coletiva, consciente, disciplinada, organizada). E que promova a participação de crianças, adolescentes e jovens no processo geral do trabalho da população, levando-os a distinguir trabalho de brincadeira e a formar valores de cooperação, na relação dialética teoria-prática (LUNATCHARSKI, 1988, apud, SAVIANI, 2017, p. 9).

Os programas oficiais da URSS apresentam uma perspectiva de educação que destaca a ausência de neutralidade na ação educativa que ocorre na escola ao longo da história, seguida da defesa da educação a serviço da construção do socialismo, que teria como papel a luta contra a burguesia (porém, sem combater o seu legado) para a formação do homem novo para a nova sociedade. Formar esse homem novo implicaria em despertar o interesse pela ciência, ensinar a pesquisar e orientar para o tratamento integrado da vida, do trabalho e do estudo.

Quanto à importância do desenvolvimento multifacetado:

A escola única do trabalho visa à formação multifacética das jovens gerações: Ninguém deve ser ignorante. Cada um deve conhecer os rudimentos de todas as ciências e de todas as artes [...], compete à escola ensinar os rudimentos dos conhecimentos [...]. O ideal não é preparar um homem para esta ou aquela especialidade, mas fazer dele um combatente pelo humanismo. Possibilitar que venha a saber: o que é o mundo, como se formou, como se explicam seus problemas, quais os objetivos científicos, artísticos e técnicos da época em que se vive, qual o lugar que ocupam as pessoas, grupos, classes em cada momento histórico (SAVIANI, 2017. p. 10).

O incentivo à participação em coletivos organizados, como sindicatos, a União das mulheres, as organizações infantis e juvenis (Konsomol e União da Juventude Comunista), como estratégia de educação, exercia relevante papel para a efetividade na atuação das novas gerações na formação da nova sociedade, dando continuidade à atuação das gerações precedentes, que atuaram para a derrubada do capitalismo:

Com estrutura e funcionamento peculiares, essas organizações teriam o papel de estimular a atuação direta na construção do socialismo: pelo estudo, pelo trabalho, pela propaganda, pelo esforço de superação dos problemas, dedicando-se à preservação e continuidade das conquistas do novo regime (SAVIANI, 2017. p. 13).

A compreensão da educação no período da revolução russa implica no entendimento de que atingir o objetivo da educação integral na perspectiva marxista, só seria possível na sociedade sem classes, mas que esta deve ser forjada no socialismo, período de transição para o comunismo, já que a luta de classes se mantém mesmo após a revolução, à medida que são mantidos alguns processos de exploração. Nesse sentido, a educação deve servir à mudança nas concepções de mundo e sociedade do homem novo, com base em princípios como o

coletivismo, a cooperação, o combate à exploração do homem pelo homem, a luta pela superação da divisão social em classes, que deveriam reger a formação do homem novo para a nova sociedade pelo desenvolvimento de uma moral comunista compartilhada por todos.

A Educação na Revolução Chinesa

Assim como nos demais processos revolucionários aqui apontados, na Revolução Chinesa a educação desponta como fundamental para a configuração do homem novo para a nova sociedade. Na China revolucionária destacam-se as ideias pedagógicas de Mao Tse-tung, líder da revolução Comunista de 1949, para quem a preocupação com a educação foi predominante: “ele acreditava que a mudança no mundo mental dos seres humanos era essencial para produzir a revolução, e a educação era ferramenta com a qual os novos homens e mulheres poderiam ser criados” (BHATTACHARYYA, 2016. p. 1).

A educação na China pré-revolução era determinada pelas condições desiguais de vida extremas que marcam a sociedade. Configurava-se por uma educação com um sistema de seleção que dificultava o acesso e a permanência de todos, desenvolvendo-se nesse sentido, uma educação para os privilegiados, para a manutenção das desigualdades.

Após 1949 a educação chinesa manteve-se sob a influência burguesa. Apenas em 1958, com o início da Comuna Popular, emergiram mudanças a partir da iniciativa de Mao em colocar a educação a serviço da política proletária. A educação voltou-se, então, para a luta pela consolidação do socialismo e, para atingir tal objetivo, foi necessária a implementação da Revolução Cultural.

A elaboração dos processos de ensino na China revolucionária ocorreram de forma intrínseca aos processos de luta, na busca por soluções inerentes aos problemas e dificuldades da prática revolucionária.

Destacam-se ao longo de processo de construção da China socialista, mudanças na educação que contemplavam: a garantia do acesso à educação por todos; a alfabetização; o incentivo à “vulgarização” da filosofia (no sentido de garantir que todos tivessem acesso a ela e pudessem compreendê-la) com a popularização dos escritos filosóficos de Mao entre operários e camponeses; a reformulação nos sistemas de avaliação; o uso de materiais didáticos com abordagens para a formação política da população; a inserção nas práticas educativas do trabalho nas indústrias e no campo, ligando educação e trabalho produtivo nas escolas de turnos mistos (com tempos de trabalho e tempos de estudo das matérias).

A Pedagogia Histórico-Crítica: uma pedagogia revolucionária para o século XXI

Ao assumirmos a revolução como possibilidade histórica, devemos colocar a escola a serviço dessa possibilidade. Sabemos que nosso ideal de educação, para a formação do homem omnilateral, para o pleno desenvolvimento das máximas potencialidades de todos os indivíduos, para a consecução de uma vida plena, só será concretizado numa sociedade sem classes. Contudo, se projetamos essa sociedade e a colocamos como possibilidade, temos na educação potencial para a formação de indivíduos que se coloquem a serviço desse projeto.

Nesse sentido, os educadores empenhados na transformação social têm na Pedagogia Histórico-Crítica um aporte à consecução de seus ideais, já que esta se configura em uma pedagogia marxista, que visa à transformação social, que faz a crítica à educação burguesa e que se desenvolve no intento de uma formação política dos indivíduos (alunos e professores) para a luta revolucionária.

Por conseguinte, a Pedagogia Histórico-Crítica desponta como uma pedagogia revolucionária para o século XXI: assume a revolução como possibilidade histórica, reconhece a educação em seu potencial de contribuir para a revolução e assume compromisso político com a

transformação social. É uma perspectiva pedagógica que surgiu num contexto de busca por saídas teóricas que superassem os limites apresentados pelas teorias crítico-reprodutivistas. É uma perspectiva pedagógica que “se diferencia no bojo das concepções críticas; ela diferencia-se da visão crítico-reprodutivista, uma vez que procura articular um tipo de orientação pedagógica que seja crítica sem ser reprodutivista” (SAVIANI, 2013, p. 3). Ademais, assume um compromisso explícito com a transformação da sociedade, com a luta por uma sociedade socialista:

Em relação à opção política assumida por nós, é bom lembrar que na pedagogia histórico-crítica a questão educacional é sempre referida ao problema do desenvolvimento social e das classes. A vinculação entre interesses populares e educação é explícita. Os defensores da proposta desejam a transformação da sociedade. Se este marco não está presente, não é da pedagogia histórico-crítica que se trata (SAVIANI, 2013, p. 72).

Em consonância com as ideias que respaldaram a educação durante os processos revolucionários socialistas dos séculos XIX e XX, Duarte e Saviani (2015, p. 9) afirmam que “o domínio do conhecimento é uma das armas que a classe dominante emprega para neutralizar as ações potencialmente revolucionárias”. Para Saviani (2015, p. 02), “a luta pela escola pública coincide com a luta pelo socialismo”, uma vez que cumpra, de fato, seu papel, garantirá a socialização dos conhecimentos construídos historicamente pelos homens no processo de produção das condições materiais de vida e que compõe os meios de produção:

Tal tese está apoiada na análise de uma contradição que marca a história da educação escolar na sociedade capitalista. Trata-se da contradição entre a especificidade do trabalho educativo na escola – que consiste na socialização do conhecimento em suas formas mais desenvolvidas – e o fato de que o conhecimento é parte constitutiva dos meios de produção que, nesta sociedade, são propriedades do

capital e, portanto, não podem ser socializados (SAVIANI, 2015, p. 2).

A Pedagogia Histórico-Crítica compreende que a escola é determinada socialmente e que a sociedade, fundada no modo de produção capitalista, é dividida em classes com interesses opostos. A escola, portanto, sofre a determinação do conflito de interesses que caracteriza a sociedade. A classe dominante não tem interesse na transformação histórica da escola, pois quer preservar seu domínio.

Nesse sentido, uma teoria crítica (que não seja reprodutivista) só poderá ser formulada do ponto de vista do interesse dos dominados, assumindo a escola como um instrumento de luta contra a marginalidade, o que significa engajar-se no esforço para garantir aos trabalhadores um ensino da melhor qualidade possível nas condições históricas atuais, objetivando a formação de consciências críticas, de indivíduos conscientes de sua situação enquanto membros da classe trabalhadora, que desejem se engajar na luta pela transformação social, como assevera Lombardi:

No meu entendimento, como a burguesia se apropria da ciência e de todos os saberes para impulsionar o desenvolvimento das forças produtivas sob seu controle, bem como para reforçar e naturalizar a dominação de classe, nos cabe (como revolucionários) viabilizar aos que vivem do trabalho o acesso e a apropriação dos conteúdos e saberes elaborados pela humanidade, E, para além disso devemos possibilitar, de modo amplo, **a formação de consciências críticas**, a formação para a luta proletária em defesa de seus próprios interesses, particularmente formando e preparando para a luta revolucionária que conduza a uma transformação histórica radical” (LOMBARDI, 2011. p. 364).

A Pedagogia Histórico-Crítica busca compreender a educação no seu desenvolvimento histórico-objetivo, situando-a no processo de transformação histórica e assumindo um compromisso com a trans-

formação social em defesa dos interesses dos dominados. Saviani destaca que para a Pedagogia Histórico–Crítica:

O problema permanece em aberto. E pode ser recolocado nos seguintes termos: é possível encarar a escola como uma realidade histórica, isto é, suscetível de ser transformada intencionalmente pela ação humana? Evitemos escorregar para uma posição idealista e voluntarista. Retenhamos da concepção crítico reprodutivista a importante lição que nos trouxe: a escola é determinada socialmente; a sociedade em que vivemos, fundada no modo de produção capitalista, é dividida em classes com interesses opostos; portanto, a escola sofre a determinação do conflito de interesses que caracteriza a sociedade. Considerando–se que a classe dominante não tem interesse na transformação histórica da escola (ela está empenhada na preservação de seu domínio, portanto, apenas acionará mecanismos de adaptação que evitem a transformação histórica da escola), segue–se que uma teoria crítica (que não seja reprodutivista) só poderá ser formulada do ponto de vista dos interesses dos dominados (SAVIANI, 2008. p. 25).

Saviani (2013, p. 14) defende o papel da escola como instituição a serviço da socialização do saber sistematizado, afirmando que “a escola diz respeito ao conhecimento elaborado, e não ao conhecimento espontâneo; ao saber sistematizado e não ao saber fragmentado; à cultura erudita, não à popular”. Afirma, ainda:

É uma concepção pedagógica que defende a especificidade da educação escolar, afirmando que a escola tem uma função “especificamente educativa, propriamente pedagógica, ligada à questão do conhecimento; é preciso, pois, resgatar a importância da escola e reorganizar o trabalho educativo, levando em conta o problema do saber sistematizado, a partir do qual se define a especificidade da educação escolar” (SAVIANI, 2013. p. 84)

Destarte, a Pedagogia Histórico–Crítica considera a educação e a escola situadas historicamente; a constituição do homem em seu processo histórico de objetivação por meio do trabalho, processo no qual produz conhecimento ao produzir suas condições de existência; o papel desses conhecimentos na sociedade capitalista enquanto parte integrante dos meios de produção; a apropriação desses conhecimentos pela classe dominante e seu uso como ferramenta de dominação.

A partir dessas referências, a Pedagogia Histórico–Crítica pensa a escola, em especial a pública, como espaço de luta da classe trabalhadora. A escola que assume seu papel de socialização dos conhecimentos historicamente sistematizados servirá como instrumento que dá à classe explorada a possibilidade de dominar aquilo que os dominantes dominam e, por conseguinte, lutar contra o poder dominante, lutar contra as condições sociais vigentes.

Há na Pedagogia Histórico–Crítica a assunção do compromisso com a transformação social, com a superação das condições de exploração, de dominação e de violência instaladas que marcam o sistema capitalista. Tal superação ocorrerá pela instalação do socialismo, como período de transição para o comunismo. Por conseguinte, a Pedagogia Histórico–Crítica articula-se com a construção de uma sociedade sem classes, uma sociedade comunista.

A pedagogia Histórico–Crítica, ao defender o acesso da classe trabalhadora ao patrimônio cultural humano historicamente desenvolvido, como condição para a transformação social, coloca o conteúdo como fundamental no processo de educação formal, uma vez que a aquisição de conteúdos pelos alunos passa a ser central no processo educativo. Explicita-se a assunção dos conteúdos, dos conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade em seus processos de objetivação, como centrais na educação escolar:

Parece-me, pois, fundamental que se entenda isso e que, no interior da escola, nós atuemos segundo essa máxima: a prioridade dos conteúdos, que é a única forma de lutar contra a farsa do ensino. Por que esses conteúdos são prioritários? Justamente porque o domínio

da cultura constitui instrumento indispensável para a participação política das massas. Se os membros das camadas populares não dominam os conteúdos culturais, eles não podem fazer valer os seus interesses, porque ficam desarmados contra os dominadores, que se servem exatamente desses conteúdos culturais para legitimar e consolidar sua dominação. Eu costumo, às vezes, enunciar isso da seguinte forma: o dominado não se liberta se ele não vier a dominar aquilo que os dominantes dominam. Então, dominar o que os dominantes dominam é condição de libertação (SAVIANI, 2008. p. 45).

Ainda que possa parecer repetitivo, consideramos válido reiterar que, para que seja possível compreender a assimilação dos conteúdos como condição para a emancipação, é fundamental que se reporte à ideia de que os conhecimentos na sociedade capitalista compõem os meios de produção. Portanto, a socialização dos conhecimentos, na escola transformados em conteúdos escolares, ou seja, em saberes escolares, constitui meio de emancipação, uma vez que os dominantes utilizam os conhecimentos como ferramentas de controle e dominação. A seleção dos conteúdos escolares deve, portanto, considerar a garantia aos alunos da assimilação da experiência histórico-social de gerações. Não serão quaisquer conteúdos, mas, sim, os conhecimentos historicamente sistematizados em suas formas mais desenvolvidas:

Concebemos como conhecimentos de ensino os conhecimentos mais elaborados e representativos das máximas conquistas dos homens, ou seja, componentes do acervo científico, tecnológico, ético, estético, etc. convertidos em saberes escolares (MARTINS, 2013, p. 2).

A escola que assume a Pedagogia Histórico-Crítica é uma escola que se contrapõe às perspectivas de ensino espontaneístas e que, destarte, reconhece a importância da transmissão dos conhecimentos para a formação do gênero humano, considerando que essa transmissão não é um processo passivo para o aluno. A contraposição às perspectivas de ensino espontaneístas, formuladas a partir de aportes teóri-

cos de cunho pós-moderno, é fundamental para a efetivação de uma Pedagogia Histórico-Crítica, já que são perspectivas de educação alinhadas à defesa de concepções liberais e neoliberais de sociedade. Nesse sentido, têm como estofa a negação da escola e da socialização dos conhecimentos artísticos, filosóficos e científicos com os membros da classe trabalhadora.

Newton Duarte explicita em seus textos o caráter neoliberal e pós-moderno das pedagogias do “aprender a aprender”:

O lema “aprender a aprender” é por nós interpretado como uma expressão inequívoca das proposições educacionais afinadas com o projeto neoliberal, considerado projeto político de adequação das estruturas e instituições sociais às características do processo de reprodução do capital no final do século XX (DUARTE, 2011, p. 3).

O trabalho educativo perde, a partir das concepções de educação, apoiadas no referido lema, a sua especificidade, assim como, há evidente mudança no papel do professor, que passa a ser mero coadjuvante no processo educativo sendo-lhe vedada a possibilidade de ensinar, havendo total negação de quaisquer práticas nesse sentido. Newton Duarte assevera:

A essência do lema “aprender a aprender” é exatamente o esvaziamento do trabalho educativo escolar, transformando-o num processo sem conteúdo. Em última instância o lema “aprender a aprender” é a expressão, no terreno educacional, da crise social da sociedade atual (DUARTE, 2011, p. 10).

E ainda, nas palavras de Newton Duarte:

As pedagogias centradas no lema “aprender a aprender” são antes de mais nada pedagogias que retiram da escola a tarefa de transmissão do conhecimento objetivo, a tarefa de possibilitar aos educandos o acesso à verdade (DUARTE, 2011, p. 5).

Nesse sentido, para a efetivação de uma pedagogia revolucionária, destacamos a importância do desvelamento das práticas que ocorrem na escola, alinhadas aos ideais de sociedade que se contrapõe à sua transformação e que se colocam a serviço da adaptação dos homens e mulheres às condições vigentes. Faz-se urgente, portanto, ao educador que se propõe a atuar a serviço de ideais revolucionários, a análise das práticas pedagógicas hegemônicas, para que seja possível libertarem-se da sedução dos discursos das pedagogias do aprender a aprender, os quais têm colocado, ao longo da história da educação, muitos educadores avessos aos ideais liberais, neoliberais e conservadores, ingenuamente, a serviço dos ideais aos quais se contrapõe.

Para concluir, defendemos, como educadores marxistas, a compreensão da educação nos processos revolucionários dos séculos XIX e XX como fontes de inspiração para nossas práticas, com vistas às transformações sociais que buscamos. Não há como não se inspirar conhecendo as ideias e ações empreendidas na educação nos processos revolucionários estudados. Como não admirar o empenho que propiciou a alfabetização de populações inteiras, nas condições mais desfavoráveis possíveis? Como não desejar muito viver em um contexto que se assemelhe às condições de acesso à educação e à cultura reveladas nos processos revolucionários dos séculos XIX e XX? Como, compondo a classe trabalhadora, não querer colocar em prática a Pedagogia Histórico-Crítica, que defende o acesso, por seus pares, à verdade, por meio da apropriação dos conhecimentos científicos, artísticos e filosóficos em suas formas mais desenvolvidas?

São fontes importantes de inspiração a importância atribuída à educação, ao acesso aos conhecimentos pela classe trabalhadora, a necessária crítica à educação burguesa com vistas à sua superação, o destaque atribuído à necessidade de alfabetizar toda a população e, para além disso, assegurar a formação integral de todos, a defesa de uma educação comprometida com a verdade, com o desvelamento da realidade para a formação de uma nova consciência, uma consciência crítica, preparada para lutar por uma nova sociedade. Mais do que

fontes de inspiração, são intentos compartilhados por aqueles que veem nos processos educacionais o germe da revolução e a Pedagogia Histórico-Crítica como estratégia de luta.

Referências

BATTACHARYYA, Amit. **A China Socialista e a Educação Popular – 1949–1976**. In: <<https://viseminariointernacionalcapitalismoburocratico.wordpress.com/2016/09/24/a-china-socialista-e-a-educacao-popular-1949-1976-amit-bhattacharyya/>>

CORNÒ, Lucio del. **Experiencias pedagógicas en China**. Salamanca : Ediciones Sigueme. 1977.

DUARTE, Newton. **Vigotski e o "aprender a aprender"**: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2001.

LOMBARDI, J.C. Algumas questões sobre educação e ensino em Marx/Engels. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, número especial, p. 347–366, abr. 2011

MARTINS, Lígia Márcia. Contribuições da psicologia histórico-cultural para a pedagogia histórico-crítica. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, nº 52, p. 286–300, set. 2013

ORSO, Paulino. As lições da comuna de paris para a educação. **Revista Adusp**, 2001. In: <http://www.adusp.org.br/files/revistas/24/p11_17.PDF>

SAVIANI, Dermeval; DUARTE, Newton (Orgs.). **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas: Autores Associados, 2012.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica**: primeiras aproximações. 11ª edição revista. Campinas-SP: Autores Associados, 2013.

_____. Pedagogia Histórico–Crítica, educação e revolução. In: ORSO, P. et al. **Pedagogia Histórico–Crítica, Educação e Revolução: 100 anos da Revolução Russa**. Campinas: Armazém do Ipê. 2017.

SAVIANI, Nereide. Concepção socialista de educação. A contribuição de Nadedja Krupskaya. **Revista HISTEDBR On–line**, Campinas, número especial, p. 28–37, abr. 2011

SAVIANI, N. O legado educacional da Revolução Russa. |In: BERTOLINO, O.; MONTEIRO, A. (Orgs.). **100 anos da Revolução Russa: legados e lições**. São Paulo: Anita Garibaldi; Fundação Maurício Graibois, 2017, p. 81–104.